

JUVENTUDE, COMUNIDADE DE SENTIDO E AMIZADE: A FAMÍLIA “OS PODEROSOS E AS PODEROSAS”

Youth, Community of Meaning and Friendship: The family “Os poderosos e as poderosas”.

Juventud, Comunidad de Sentido y Amistad: La familia “Los poderosos y las poderosas”

Alexandre Barbalho

Professor dos PPGs em Sociologia e em Políticas Públicas da UECE e em Comunicação da UFC.

E-mail: alexandrealmeidabarbalho@gmail.com

Amanda Nogueira de Oliveira

Jornalista e Mestra em Comunicação pela UFC.

E-mail: amandanogueira.jor@gmail.com

Resumo

Este artigo discute um dos grupamentos autodenominados “famílias”, criados por jovens habitantes de bairros periféricos de Fortaleza, com o objetivo de perceber as sociabilidades que norteiam tais encontros. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2014 e 2016 e utilizou a etnografia e a netnografia. Como resultado, percebe-se que a construção de sociabilidades passa por processos de desconstrução e reconstrução de vínculos, mostrando que, mesmo efêmero, não deixa de afirmar políticas de amizade.

Palavras-chave: Juventude. Comunidade. Sociabilidades. Amizade. Internet.

Abstract

This article discusses one of the self-described groups “families”, created by young people living in peripheral neighborhoods of Fortaleza, in order to perceive the sociabilities that guide such encounters. The research was carried out between 2014 and 2016 and used ethnography and netnography. As a result, it can be seen that the construction of sociabilities goes through processes of deconstruction and reconstruction of bonds, showing that, although ephemeral, it does not fail to affirm policies of friendship.

Keywords: Youth. Community. Sociabilities. Friendship. Internet.

Resumen

Este artículo discute uno de los grupos autodenominados “familias”, creados por jóvenes habitantes de barrios periféricos de Fortaleza, con el objetivo de percibir las sociabilidades que orientan tales encuentros. La investigación fue realizada entre los años de 2014 y 2016 y utilizó la etnografía y la netnografía. Como resultado, se percibe que la construcción de sociabilidades pasa por procesos de desconstrucción y reconstrucción de vínculos, mostrando que, aún efímero, no deja de afirmar políticas de amistad.

Palabras clave: Juventud. Comunidad. Sociabilidad. Amistad. Internet

Introdução

O artigo que segue aborda um fenômeno observado nos bairros periféricos de Fortaleza que é o das “famílias”, jovens agrupados a partir de encontros em espaços públicos e privados, em especial nas praças da cidade, e no espaço virtual possibilitado pelas redes sociotécnicas (*Facebook* e *WhatsApp*)¹. Mais especificamente, analisa-se a família “Os Poderosos e as Poderosas”² criada em 2012, a partir da iniciativa de Rafael³ que tornou-se seu adm⁴ e patrão, proprietário ou dono⁵. O referido grupamento atua no bairro da Sapiranga, onde mora a maioria de seus integrantes.

O objetivo é compreender se e como esses jovens estabelecem políticas de amizade e constituem comunidades de sentido em meio a contextos sociais adversos, marcados por violências físicas e simbólicas exercidas tanto pelo Estado, quanto pelo crime organizado, entre outros agentes e instituições, como a igreja, a escola etc. A pesquisa se insere no projeto mais amplo sobre a juventude de Fortaleza e suas práticas políticas (Barbalho, 2013). Para este trabalho específico, foi feita uma pesquisa etnográfica e netnográfica⁶ junto à família durante nove meses (março a novembro de 2015) e realizada sete entrevistas semiestruturadas⁷.

1 A pesquisa da qual esse artigo resulta foi desenvolvida por AUTOR, sob orientação do professor AUTOR, no âmbito do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. A esse respeito ver AUTOR.

2 Nome fictício dado pelos pesquisadores. No trabalho de campo, obtivemos conhecimento da existência de dezenas de “famílias” espalhadas pelos bairros periféricos de Fortaleza.

3 Nome fictício.

4 A sigla é uma abreviação de “administrador” e é a designação dada aos que administram os grupos no *WhatsApp*.

5 Termos utilizados pelos integrantes de “Os Poderosos e As Poderosas” para designar o “dono da família”, ou seja, aquele que a criou.

6 A coautora do artigo inserida nos seguintes grupos de *WhatsApp* ainda no começo de 2015: o “geral”, do qual participam todos os integrantes da família, independente de gênero; o do “bonde feminino”, que congrega as participantes que se reconhecem desse gênero, inclusive mulheres trans; e o da “diretoria”, composto pelos jovens responsáveis pelo grupamento. A coleta de dados no ambiente do *WhatsApp* se deu primordialmente a partir dos prints do conteúdo disponibilizado nos grupos.

7 É necessário destacar que todos os interlocutores foram identificados por nomes fictícios escolhidos por eles. A opção deles próprios criarem seus nomes se deu em referência à criação de nicknames em bate-papos na internet. Para um aprofundamento da metodologia utilizada na pesquisa ver AUTORES.

O artigo está estruturado em duas partes seguidas das considerações finais. Na primeira, apresentamos os conceitos de “comunidade de sentido” e de “política da amizade” e como eles se materializam na realidade empírica estudada. Na parte seguinte, analisamos o papel de uma linguagem própria aos poderosos e poderosas que reforça o pertencimento e a identificação entre os jovens integrantes da família.

A família poderosa: comunidade de sentido e política da amizade

A família poderosa usa a internet como base de intermediação de novos encontros e canal de compartilhamento entre seus integrantes, em diálogo com as relações que se estabelecem no plano da praça, possibilitando novos ambientes de construção e desconstrução de interações. Nessa perspectiva, podemos considerar a família poderosa como uma comunidade de sentidos.

De acordo com Jeder Janotti Jr. (2005, p. 119), comunidade de sentidos é uma agregação que partilha interesses comuns, vivências de determinados valores, gostos, vontades e afetos, privilegiando determinadas práticas e produções de sentidos “em espaços desterritorializados, por meio de processos midiáticos que utilizam referências globais da cultura atual”. É essa vivência de sentidos empregada em grupo que permite aos jovens da família se reconhecerem, independentemente do território em que esses sentidos venham a se manifestar.

Sentir-se presente e ser reconhecido como membro em uma comunidade de sentidos é, em si, um valor. Os integrantes de “Os Poderosos e As Poderosas” constantemente se afirmam nessa posição e demonstram o valor dessa inscrição grupal na forma como se aliam a outros grupamentos da localidade. O território da Sapiranga também é desterritorializado por essas práticas que saem da praça e inundam transversalmente os celulares, por meio do *WhatsApp*, desses jovens. Estas práticas são construídas pela partilha de formas de consumo diferenciadas e também ligadas, fundando territórios simbólicos coletivos e individuais e possibilitando aos integrantes desse grupamento o reconhecimento de si perante os outros e o reconhecimento de todos enquanto partícipes da mesma família.

Como afirma Janotti Jr. (2005, p. 121), o termo comunidade de sentidos “remete a práticas discursivas que se submetem não só a uma configuração mundializada de sentidos, mas também a

aspectos globais investidos em certos produtos da cultura midiática”. Ora, a família poderosa faz parte deste cenário de consumo instaurado pela cultura midiática desde o seu surgimento, quando da necessidade de integração pelo uso de tecnologias digitais. Aliás, nada fazemos sem que os objetos que nos cercam tenham o mínimo de importância em nossas ações a partir de amarrações dinâmicas entre humanos e não humanos (Nobre; Pedro, 2010; Santos, 2006). No entanto, suas práticas não se limitam ao uso dessas tecnologias. “Os Poderosos e As Poderosas” mantêm-se conectada em ambientes de sociabilidades diversos.

A família, tanto por meio do diálogo em grupos no *WhatsApp* como em seus encontros semanais, pode ser percebida como um âmbito de alteridades. Opiniões são dadas e diálogos são construídos sob múltiplas discussões em diversas temáticas. Ainda que situados em um mesmo grupamento, sob normas próprias e específicas, existem diferenças de atitudes e pensamentos entre os integrantes. O que revela a política de amizade entre seus membros, ou seja, a experimentação de novas formas de sociabilidade no espaço público. Francisco Ortega (2000; 1999), retomando os escritos de Michael Foucault, em especial a última parte de sua obra, discute como a subjetividade se constitui através das técnicas de si que, ao contrário do que aparenta, pressupõe o coletivo, o contato intersubjetivo, a presença do outro. A subjetividade é uma construção coletiva e que se dá por meio da amizade.

Nesse sentido, é preciso entender os grupos de *WhatsApp* da família como redes sociotécnicas de interação, ou seja, espaços de diálogo onde há a possibilidade de trocas intersubjetivas por meio de diferentes recursos textuais (mensagens de texto, emojis, fotografia e vídeos). Ou como um ator-rede que se constitui pelo uso acentuado de objetos técnicos (Latour, 2012). Os membros da família e os aparelhos celulares são actantes nesse processo afetivo-comunicacional. Os primeiros porque agem cotidianamente como mantenedores da família poderosa; os segundos porque é por meio deles que se consegue elaborar encontros, dialogar continuamente, conhecer novas pessoas e fazer com que a família permaneça se encontrando. E tanto nos encontros na praça como no *WhatsApp* as relações são reconfiguradas a partir das alteridades dos atores e atrizes sociais que compõem esses espaços.

Como sinaliza a “poderosa” Kelly, o respeito a si e ao outro são fundamentais para que os componentes da família se relacionem e mantenham conexões sociais:

Uns a gente já conhece quando a gente entra. Outros a gente não conhece. Mas a gente pega um afeto, um carinho. Por justamente estar muito reunido, por encontros e estar juntos, a gente forma aquele laço de amizade que a gente começa a considerar uma família. Porque, tipo assim, se você é dedicada pro grupo, quando você não está em casa com a sua família, você tá lá na outra família que é o grupo, ou no encontro, ou numa festa deles, de alguma das pessoas, então por isso que é chamado de família. Porque muitas vezes também nós somos ajudados por eles, que nem eu fui muitas vezes ajudada pela minha família d’Uz de Açúcar⁸, que quando eu era, né? Me ajudaram muito. Os PD também eles apoiam muito. Se tiver algum problema eles vão lá, ajudam. Entendeu? Eles são realmente uma família. Só que toda família tem seus defeitos, né? Brigas, desavenças e tal, mas por isso que tem o nome de família, pela ajuda de um ao outro (informação verbal).⁹

A partir do depoimento de Kelly, compreendemos que para haver o grupamento social é necessário de fato a colaboração de todos. Família, para a jovem, é afeto, carinho, apoio, proteção, ajuda e uma construção de laços. Se compararmos a relação de amizade tecida por este grupamento com aquelas estabelecidas a partir da consanguinidade, percebemos que a liberdade de ir e vir nessa relação é um dos fatores primordiais para a manutenção da família poderosa.

Contudo, ainda que haja coesão e solidariedade entre os componentes, isso não quer dizer que o grupamento esteja livre de desavenças. Em diversos casos, pessoas saíram e deixaram de se reconhecerem como poderosas em meio a conflitos gerados dentro da família. Em outros momentos, as crises aconteceram mas foram resolvidas por meio de discussões pelo *WhatsApp*.

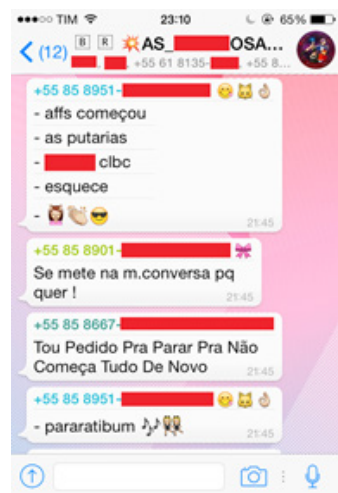
Se, por um lado, no espaço da rede sociotécnica se estabelecem consensos, por outro, em vários momentos, observamos como os diálogos no *WhatsApp* dão margem a compreensões conflituosas acerca do dito (e do não dito). A plataforma, ao gerar sociabilidades, possibilita que as mensagens sejam interpretadas de várias formas, sendo necessário que os integrantes tenham que utilizar *emojis* ou explicar, por meio de áudio ou imagens, o que realmente queriam dizer. Este ruído não é exclusivo da interação virtual, pois

8 Kelly, antes de participar da família poderosa, era integrante da família “Uz de Açúcar” (nome é fictício), originada no bairro do Barroso, onde ela mora.

9 Entrevista com Kelly (nome fictício), integrante da família “Os Poderosos e as Poderosas” em junho de 2015.

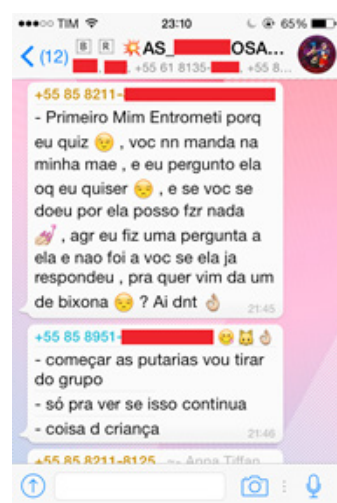
o diálogo face a face na praça também precisa ser completado com pelas expressões faciais e gestos corporais para que se efetive. Segue um exemplo de desavença entre integrantes da família no *WhatsApp*:

Figura O1 - Início de diálogo no grupo das poderosas.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura O2 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.



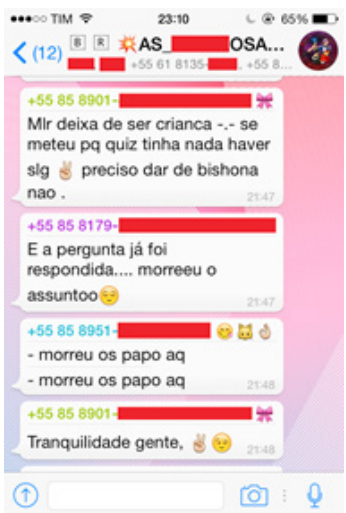
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura O3 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.



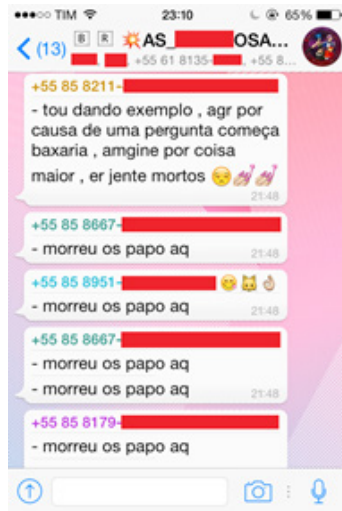
Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura O4 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura O5 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.



Figura O6 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas.

Fonte: Print de Amanda Nogueira.

As imagens anteriores ilustram tanto como acontecem os embates quanto o que é feito para que eles sejam sanados. Comumente são os membros da diretoria que tomam à frente nas resolução de conflito. Percebemos a proteção intrínseca ao grupo, de modo a não permitir que problemas quaisquer venham prejudicar a manutenção da família.

É comum, em meio aos diálogos da família nos grupos do *WhatsApp*, a disposição de seus integrantes para uma conversa privada. Nas imagens que seguem, as siglas PVD e PV significam “privado”:

Figura O7 - Início de diálogo no grupo da família poderosa.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 08 - Continuação de diálogo no grupo da família poderosa.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Giddens (1991, p. 127) avalia que as formas de interação mediadas por tecnologias geram uma sensação de segurança cotidiana, uma certa confiabilidade no outro. No entanto, “por sua própria natureza ela não pode fornecer nem a mutualidade nem a intimidade que as relações de confiança pessoal oferecem”. Para o sociólogo, este tipo de interação pode deixar brechas de percepção; pode fazer com que nos enganemos com relação à identidade da pessoa com quem estamos conversamos. Não parecem diferente as percepções das “poderosas” Verônica e Kelly. Para a primeira

Rede social é a coisa mais mentirosa que tem. Primeiro lugar... tanto fisicamente, como eu tô te falando, a pessoa é bem gostosa nas foto (sic) e pessoalmente a pessoa é né? Tanto fisicamente como em atitudes... São personagens. É uma capa em cima daquela pessoa, ela quer que seja mas infelizmente não é, entendeu? (informação verbal).¹

¹ Entrevista com Verônica (nome fictício) integrante da família “Os Poderosos e as Poderosas” em outubro de 2015.

Para Verônica, existem pessoas que mesmo querendo ter outro tipo de identidade, um outro corpo, uma outra imagem, nunca poderão conseguir atingir este feito, o que poderia ocasionar frustrações nos dois sentidos: naqueles desejosos de serem outras pessoas; e naqueles que, permanecendo em diálogo mediado pelo WhatsApp, deparam-se com alguém que não reconhecem fora da imagem disponível no aplicativo.

Kelly, por sua vez, mesmo avaliando que as relações não se esgotam, seja por meio das redes sociotécnicas, seja quando são tecidos diálogos no ambiente da praça, afirma existir uma diferença entre os dois ambientes comunicacionais:

A gente sempre marca alguma coisa de sair. Ou a gente ‘ah, vamos se conhecer, vamos sair pra algum canto’. Nunca é suficiente se conhecer pelo WhatsApp. E nunca é a mesma coisa. Às vezes é uma pessoa no WhatsApp e quando você vê pessoalmente já é outro jeito. Porque eu acho que são divididos em dois mundos, né? Porque tem umas pessoas que já são mais liberal no WhatsApp, pessoalmente já são mais tímidas. Ou pode ser o contrário. São tímidas no WhatsApp e quando é pessoalmente já é outra pessoa mais extrapolada. É porque hoje em dia as pessoas têm muito medo do tal print, né? (risos) Então fica mais reservado, né? Pra poder não correr o risco (risos). Tipo, já aconteceu muito de pessoas mostrar ser uma coisa pelo WhatsApp e pessoalmente ser totalmente outra. Por incrível que pareça (informação verbal).²

De toda forma, tanto no uso de ambientes comunicacionais mediados, como nos encontros face a face proporcionados pela vida cotidiana, as relações de confiança são construídas e mantidas de forma lenta e gradual (Braga, 2011). Em ambos ambientes, e em outros que porventura sejam criados, “o corpo é também um grande ator utópico” (Foucault, 2013, p. 12), podendo ser construído e evidenciado de formas diferentes, revelando que não existem padrões únicos de sociabilidades.

Em meio à oralidade transcrita, as expressões de afeto

A pesquisa de campo nos revelou que um elemento fundamental para compreender como se dá construção de sentidos e de amizade entre os poderosos e as poderosas era o da

² Entrevista com Kelly (nome fictício), integrante da família “Os Poderosos e as Poderosas”, em junho de 2015.

linguagem; o da forma como estes atores e atrizes dialogavam entre si, recorrendo a uma escrita que indicava o próprio pertencimento ao grupamento. Mais que uma grande quantidade de palavras transformadas em siglas, neologismos, misturas e uso acentuado de emojis, percebemos uma linguagem compreendida por todos, o que foi um grande desafio para a pesquisa etnográfica e netnográfica.

As próprias descrições dos jovens em seus perfis no *WhatsApp*, que podem ser visualizadas por qualquer pessoa que esteja participando do grupo, são permeadas de emojis e palavras. Tal fenômeno não é recente, visto que isso já acontecia em outra plataforma bastante utilizada na década de 2000, o *MSN*, no qual seus participantes exibiam ações como: dormindo, almoçando, indo ao banheiro, viajando, se arrumando etc. No entanto, diferente do *MSN*, o *WhatsApp* possibilita a inserção dos emojis, o que resume bastante os sentimentos de seus usuários.

A necessidade de falar ao outro o que se sente é constante e demonstra o deslocamento fluido entre o sentir, o querer dizer e o compartilhar entre esses jovens. Não basta sentir, é necessário que o outro tenha a dimensão desse sentimento. É importante que o outro saiba e, em vários momentos, possa interagir com tais sentimentos expostos em rede. Os *emojis*, também chamados de “carinhas” por parte de alguns jovens, estabelecem outros sentidos no texto. Seria o retorno a um tipo de oralidade, sendo que transcrita. Oralidade transcrita que reforça a necessidade de estabelecer pontes e formas de contato.

Em meio aos repertórios criados pelos componentes da família poderosa, percebemos o quanto o oral esteve presente. As palavras eram escritas da forma como faladas. Ou seja, as mensagens de texto correspondiam mais à oralidade que à representação escrita. Podemos afirmar, a partir de Almeida e Eugenio (2006, p. 64-65), que a comunicação através da troca instantânea entre os poderosos e as poderosas parece revestir-se de um “aspecto intensamente fático”, no qual “o teclado converte-se tanto quanto possível em um decalque esmerado da voz que fala, e neste movimento mimético reside toda uma operação de diluição das diferenças entre a interação face a face e a mediada por máquinas”.

Em certa medida, a rapidez da troca de mensagens justifica e potencializa a escrita como algo mais próximo da fala. Todos estão em interação constante no espaço do grupo do *WhatsApp* e qualquer gancho perdido pode comprometer a compreensão dos sentidos da oralidade. Nesse aspecto, o texto criado e comparti-

lhado no âmbito da rede sociotécnica é polifônico porque traduz diversos significados. Quando os emojis são utilizados como fatores complementares de percepção, estabelecem um outro ritmo e significado para o texto escrito. A oralidade transcrita exercida por entre aplicativos de bate-papo é realizada a partir da junção de diferentes formas de recursos textuais em que nem sempre há uma compreensão total da mensagem previamente estabelecida, como pode ser percebido nas imagens a seguir:

Figura 09 - Início de diálogo no grupo das poderosas. Grupo I.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 10 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas. Grupo 1.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Figura 11 - Diálogo no grupo geral da família poderosa. Grupo 2.



Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Kelly é uma das jovens que utiliza bastante as “carinhas” em seus diálogos, por sua capacidade, segundo avalia, de expressar sentimentos, o que as vezes ela não consegue com o texto escrito:

Eu uso porque eu acho tão interessante porque elas definem realmente o que você tá sentindo. Aquelas carinhas... assim, é impressionante o quanto elas definem o que você sente, né? Quando você tá conversando, se você tá com raiva, tem aquela cara de ódio, tem aquela cara de mais ou menos raiva, tem de tudo um pouco. Se você tá se achando... é de tudo um pouco, é impressionante como aquelas carinhas definem o que você está sentindo. Então é muito mais fácil você colocar uma carinha do que você expressar o que você está sentindo. Porque pela carinha todo mundo vai entender. Agora, se eu for falar, talvez nem todo mundo entenda (informação verbal).¹

Além das palavras escritas em grande profusão, dos emojis, dos vídeos e das fotografias, algo que se multiplica na esfera virtual é as gravações em áudio, como forma de complementar o que se quer dizer, como podemos perceber nas imagens a seguir:

Figura 12 - Início de diálogo no grupo das poderosas



¹ Entrevista com Kelly (nome fictício) integrante da família “Os Poderosos e as Poderosas” em junho de 2015.

Fonte: Print de Amanda Nogueira.



Figura 13 - Continuação de diálogo no grupo das poderosas

Fonte: Print de Amanda Nogueira.

Como pudemos perceber na pesquisa de campo, palavras, imagens, vídeos e áudios, para serem compreendidos, precisam obedecer a um repertório cultural e discursivo específico criado pelo grupamento. A família poderosa evidenciou isso a partir das siglas e dos neologismos criados. Nos diálogos, essa forma própria de conversa é comumente utilizada por todos. Essa quantidade de informações e imagens compartilhadas faz parte do movimento mais amplo em que a cultura visual se ancora na cultura digital, e na qual, como defende Campos (2010, p. 59), “os imaginários dos videogames, as ilustrações digitais, os ambientes visuais da internet ou dos telemóveis, os vídeos caseiros constituem retalhos do cotidiano, revelando até que pontos participam da forma como vemos e representamos o mundo.

Esses recursos são formas solidárias de permanência e co-participação, ou melhor, de criação de códigos próprios necessários para que a família permaneça como um grupamento minimamente coeso. Não há espaço demasiado para irritação, nem incômodo perante a escrita do outro, exatadamente pelo processo de identificação mútua que o compartilhamento desse código permite.

Em meio à profusão de mensagens deixadas nos grupos do *WhatsApp*, não é estritamente necessário que o diálogo estabelecido cumpra uma função lógica. Há um cruzamento intenso de informações, as quais são geradas também simultaneamente. E nesse ambiente, muitas mensagens se perdem entre tantos diálogos estabelecidos ao mesmo tempo.

Se, nessa perspectiva, a partir dessa profusão à primeira vista desordenada e desgovernada, passássemos a pensar que não há diálogos tecidos, e sim informações dispostas em um caos intenso, permaneceríamos olhando apenas para suas estruturas e essências. Perderíamos as associações geradas, o aspecto social que realmente está sendo construído. E se olharmos para além das essências, podemos nos encontrar com particularidades que não podem ser reduzidas a espaço e tempo (Lemos, 2014).

Cada diálogo em rede é uma espécie de rastro deixado. Todos que usam o aplicativo por meio do celular e que se proponham a permanecer com seu backup intacto podem resgatar informações e mensagens anteriormente trocadas. Há casos em que os próprios integrantes da família poderosa, entre as mensagens deixadas nos grupos, “batem”² e compartilham *prints* quando há crises e discussões na família.

A complexidade de mensagens com a qual lidamos todos os dias nos grupos de *WhatsApp* durante o trabalho de campo é similar àquela vivenciada no âmbito da praça, onde acontecem os encontros semanais. Há os que se encontram e se reconhecem, essencialmente pelas fotos com as quais se sentem representados, e as publicam como imagem de perfil na rede sociotécnica; os que compartilham suas próprias fotos nos grupos, sugerindo que estão disponíveis a novas amizades; os que somente batem papo no ambiente do aplicativo e não dialogam quando estão na praça; há ainda os que começam a estabelecer alguma relação de amizade ou paquera, tudo a partir do uso do aplicativo e tomando a praça como meio de interações.

Indagada como seria a relação entre ela e seus amigos caso não existisse nem o celular e nem o *WhatsApp*, a “poderosa” Verônica afirmou:

Eu acho que a mesma. Quando uma pessoa quer fazer uma amizade e a pessoa num (sic) quer que acabe, a relação pode decorrer do tempo, distância, a relação continua a mesma. Eu tenho amiga que considero

2 Alusão aos termos “registrar uma fotografia” ou “tirar uma foto”, sendo que, nesse caso, a foto seria o *print* de uma conversa.

como irmã, tem filho e tudo. Eu acho que não morre não. Quando a amizade é verdadeira não morre. Por isso que eu tô (sic) falando que é com o tempo que a pessoa conhece as outras (informação verbal).¹

Pelo depoimento de Verônica, percebemos a potência da amizade como elo; “amizade verdadeira” que permanece com o passar do tempo independentemente da mediação que aconteça. Compreensão muito próxima da também “podrosa” Bianca: “Porque se não fosse nem a amizade e nem a curtição, eu acho que isso não existiria [grupos do WhatsApp]” (informação verbal).² Para Bianca, curtição é o ato do encontro que acontece semanalmente entre os poderosos e as poderosas e proporciona uma forma de fortalecimento da amizade já existente ou que necessita desses espaços para começar a acontecer.

Considerações finais

Durante a pesquisa sobre a produção de sentidos sociais entre os componentes da família “Os Poderosos e As Poderosas”, nos deparamos como um processo de construção de identidades que passa pela amizade, onde histórias de vida se relacionam por meio das redes sociotécnicas e dos encontros nos espaços urbanos, cada um deles com seus ritos de sociabilidade.

Percebemos como o celular funcionou como uma plataforma de construção de comunidades de sentido, relativizando determinada leitura de que as tecnologias digitais de comunicação mais afastam que aproximam ou propiciam amizades. Todos os elementos levantados no trabalho de campo revelam como o celular, meio principal de acesso às redes sociotécnicas, faz parte do cotidiano dos jovens “poderosos”; da elaboração de si mesmos na relação com os outros, sendo um processo realizado cotidianamente.

Os relacionamentos se dão a partir do reconhecimento mútuo. É sintomático da força agregadora dos encontros virtuais e presenciais o fato de que de dentro da família possam surgir outras famílias, aliás como foi o caso da gênese da própria “Os

poderosos e as Poderosas”, o que evidencia um eterno desenrolar-se de novas sociabilidades e construções sociais. Ainda que esse processo de construção, desconstrução e reconstrução de vínculos seja efêmero, não deixa de afirmar políticas de amizade. O reconhecer-se no outro passa pelo doar-se à família, pelo fazer parte e se sentir parte. Portanto, ser ou estar “refém do Wi-Fi” não significa estar desconectado das relações estabelecidas pela amizade, mas expressa apenas um dos modos de sair e entrar na vida contemporânea.

Referências

Almeida, M. I. M.; Eugênio, F. (2006). O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil. In: A. M. Nicolaci-da-Costa (Org.) Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação. (p. 49-80). São Paulo: Loyola.

AUTOR

Braga, A. (2011). Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, n. 9, p. 95-104, ago./dez.

Campos, R. (2010). *Porque pintamos a cidade? Uma Abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano*. Lisboa: Fim de Século.

Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições.

Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.

Janotti Júnior, J. S. (2005) *Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos*. In: A. Barbalho; R. Paiva (Org.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus.

Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA.

Lemos, A. (2014). *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume.

Nobre, J. C. A.; Pedro, R. (2010). Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. *Cadernos UniFOA*, n. 14, p. 47-56, dez.

¹ Entrevista com Verônica (nome fictício), integrante da família “Os Poderosos e as Poderosas” em outubro de 2015

² Entrevista com Bianca (nome fictício), integrante da família “Os Poderosos e as Poderosas” em setembro de 2015.

AUTORES

Ortega, F. (2000). Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_____. (1999). Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro, Graal.

Santos, M. (2006). A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Últimas publicações

Alexandre Barbalho

BARBALHO; CAVALCANTE, J. F. ; LIMA, I. M. . O financiamento à cultura no Brasil: o caso do Ceará nos governos Cid Gomes (2007-2014). Eptic On-Line (UFS), v. 19, p. 13-33, 2017.

BARBALHO; GADELHA, R. . POLÍTICA E PRODUÇÃO CULTURAL NO CEARÁ (1960-2014): a formação de um campo. ESTUDOS DE SOCIOLOGIA (RECIFE), v. 2, p. 53-86, 2017.

BARBALHO. Em tempos de crise: o MINC e a politização do campo cultural brasileiro. POLÍTICAS CULTURAIS EM REVISTA, v. 10, p. 23-46, 2017.

BARBALHO; GARCIA, Camila . Semeando ideias: juventude e teatro em um assentamento cearense. CADERNOS DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS (ONLINE), v. 17, p. 52-63, 2016.

BARBALHO. Protestar é preciso: o MST e os 500 anos do Brasil na imprensa portuguesa. CHASQUI. Revista Latinoamericana de Comunicación, v. 128, p. 287-300, 2015.

Amanda Nogueira

OLIVEIRA, AMANDA NOGUEIRA DE ; BARBALHO, ALEXANDRE . Entre o WhatsApp e a praça da “família”: relato de uma experiência teórico-metodológica. Comunicação & Educação, v. 22, p. 85-94, 2017.

BARBALHO; OLIVEIRA, A. N. . “Fechar com o certo é a nossa meta”: sociabilidade e afeto entre jovens de Fortaleza. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (Online), v. 16, p. 109-118, 2017.

OLIVEIRA, A. N.. Sociabilidades juvenis e o uso de dispositivos móveis. Revista Eletrônica CoMtempo, v. 7, p. 1, 2015.

BARBALHO, A. ; OLIVEIRA, A. N. . Sociabilidades juvenis e o uso de dispositivos móveis na cidade. In: Alexandre Barbalho; Lidia Marôpo. (Org.). Infância, Juventude e Mídia: Olhares Luso-Brasileiros. 01ed.Fortaleza: EdUECE, 2015, v. , p. 181-193.